

INPLANTA

INPLANTA

Autores

Bárbara Bandini. Bacharel em Artes Visuais e cursando Licenciatura em Artes Visuais, ambas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista de extensão na UERJ.
E-mail: barbarabandini@outlook.com

Isabela Frade. Docente do Instituto de Artes. Departamento de Arte e Cultura Popular e da Linha de Arte, Pensamento e Performatividade do PPGARTES/UERJ. Coordenadora do projeto de extensão Cerâmica Viva. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: isabelafrade@gmail.com

Recebido em: 24/01/2019 **Aprovado em:** 31/01/2019

DOI: 10.12957/interag.2018.39667

Relato

Resumo

O artigo apresenta a obra visual INPLANTA (2018) a partir de uma abordagem estética e crítica ao crime de feminicídio em nossa sociedade, utilizando relatos, documentos e arcabouço teórico sobre o tema. A obra nasce pela identificação dos elevados índices que demarcam a realidade da opressão feminina e das contínuas agressões à mulher, em pequenos e altos graus: os dados sobre o feminicídio revelam a cumplicidade da própria mulher, que permanece silenciada e mantida sob propriedade do poder masculino. A obra intenciona provocar a reação individual e coletiva, em clamor crítico à sociedade patriarcal, na qual o corpo feminino permanece objetificado. O texto comenta as tessituras desse projeto de arte e

Abstract

The following article presents the visual artwork INPLANTA (2018) as of an aesthetical and critical approach to the femicide crime in our society making use of personal narratives, documentation and theoretical framework on the subject. This work comes from the acknowledgement of the high manifestation of the reality of feminine oppression and the ongoing violations on female individuals, in minor and higher degrees: the data on femicide reveal the complicity of the own victim, who remains silenced and kept under property of male empowerment. The artwork aims to call on individual and collective reaction for a critical outcry on patriarchal society,

trata das proposições sobre o feminismo, finalizando com um manifesto pela vida.

in which female bodies remain objectified. The script remarks the texture of this art project and proposes on feminism, ending as a manifesto for life.

Palavras-chave: Artes visuais; Cerâmica; Feminismo; Arte Relacional; Femicídio

Área Temática: Cultura, Artes Visuais, Arte Relacional

Linha Temática: Cerâmica Viva, Artes Visuais

Keywords: Visual Arts; Pottery; Feminism; Relational Art; Femicide

Situando

“Feminismo: Ideologia que defende a igualdade, em todos os aspectos (social, político, econômico), entre homens e mulheres.”¹

“Femicídio é a conduta sexista que resulta em morte (ou tentativa de) de uma mulher.”²

As taxas de feminicídios no Brasil começaram a ser contabilizadas a partir do terceiro trimestre de 2016. De janeiro até Julho de 2018 ficam entre 5 e 8 mortes por mês de mulheres tendo como motivo o machismo.³

O feminicídio frequentemente ocorre quando a mulher escapa a um estereótipo de gênero ou quando decide romper a relação permeada pelo poder, gerando em escala micro uma crise de legitimidade deste poder (RAMOS, p. 124-125, 2016). Assumindo, então, a faceta da impotência, utiliza-se do recurso da violência como tentativa final de restaurar o poder perdido. Ao mesmo tempo, se demarca, com base na afirmação de Saffioti e Almeida (1995), como homens não estão acostumados com a impotência, pois contam sempre com o respaldo de um poder institucionalizado que os favorece: o patriarcado.²

A autora afirma que ao escapar de um estereótipo de gênero, a mulher pode ser morta por não se enquadrar no que a sociedade patriarcal espera que a mulher seja/aja. Ou como mulher ela pode ser morta pelo seu cônjuge/pai/familiar. A diferença crucial é que, ao não exercer seu papel de homem este não é morto por deixar de cumpri-lo. Podemos apresentar uma frase de exemplo: “Matei meu marido porque ele não pagava as contas e bebia o dinheiro todo”, isso dificilmente aconteceria. O trecho abaixo exemplifica essa questão:

Em uma pesquisa realizada por Costa (2011) na Casa de Privação Provisória de Liberdade (CPPL III),

localizada em Itaitinga/Ceará, junto aos homens que cumpriam pena por 229 violência contra mulher, observou-se que todos os entrevistados colocavam a culpa na companheira pela violência cometida e, geralmente, estava atrelada a uma função relacionada ao feminino e não realizada. Um dos entrevistados relatou que perfurou a coxa da companheira com uma faca de mesa por ela ficar conversando na calçada em vez de preparar seu jantar, outro agrediu fisicamente a companheira com um cabo de vassoura por não obedecer suas ordens. Em relação a justificativa da violência cometida, os entrevistados explicitaram consensualmente que 'Tem um motivo né? Porque um homem num vai bater numa mulher sem um motivo. Porque eu num ia agredir minha esposa se eu não tivesse um motivo, duma raiva que eu tenho dela. Quem bate sem motivo é um covarde né?'.⁴

As relações de poder existem em todo tipo de relacionamento entre pessoas, seja mães e filhos, amigos, parentes, professor e aluno, etc. Em toda relação existem tensões, sendo a principal a que determina quem vai ser o "dominador" da relação, ou entre quem pode ter voz ativa. "As relações de poder entre os sujeitos não são fixas e determinadas. Articular gênero e poder nos estudos é de suma importância para não se dicotomizar, nem naturalizar os indivíduos e muito menos as relações."⁴

Quando há conflitos nas relações, geralmente é porque algum lado pode estar exagerando nesse poder sobre o outro. Mesmo que exista essa tensão em todas as relações o respeito mútuo é fundamental para manter um equilíbrio saudável. É a abordagem de quando surge o problema, quando há uma cultura do machismo que diz exatamente que a mulher é um ser inferior ao homem e, por isso, deve se submeter a este. As diferenças biológicas existem, porém:

Existem sim, grandes diferenças biológicas, celulares de estrutura corporal e de conformação química do cérebro entre homens e mulheres. Contudo o que é interessante ressaltar é que tais distinções não conferem quer ao homem, quer à mulher posição de superioridade.⁵

Criticando

As pessoas são reconhecidas pelas suas ações, conhecimentos e virtudes. Nenhum desses pontos são inerentes a um gênero específico, ou seja, são coisas que tanto mulheres quanto homens são plenamente capazes de exercer. Sendo assim, a diferença de capacidade de realização entre os sexos é algo transmitido/imposto pela cultura

A mulher vem sendo subjugada através da força física há milênios, mas já passamos pela era das luzes e agora não vivemos regidos pela lei do mais forte. Porém, essa ideia ainda é transmitida através da cultura patriarcal. Algo que não faz mais sentido hoje em dia. Todos deveriam respeitar os direitos do próximo para que o próprio direito também seja respeitado, seguindo uma correspondência de direitos ou regra de reciprocidade. Quando a mulher fala em direitos iguais está simplesmente dizendo que não é inferior ao homem e que deve ser vista como um ser de igual capacidade, pois o que nos define dos animais não é a força e sim a natureza, o caráter afetivo e as potências de raciocínio das criaturas humanas.

Resumindo: a confluência natural de poder existente nas relações com a cultura do

machismo faz com que a relação entre uma mulher e um homem indique esse como detentor do “poder”. Seja uma relação entre pai e filha, irmãos, amigos, colegas de trabalho, ou mulher e marido. A cultura do machismo diz que a mulher deve respeitar o homem em qualquer relação que exista, mas esquece de dizer o contrário, ou seja, o patriarcado cria um desequilíbrio entre as relações propiciando o abuso de poder por parte dos homens.

Até a “fase média da barbárie”, de acordo com Engels Friedrich (1975) (Cito Engels por afinidade com a forma com que ele descreve e aborda questões sobre a sociedade, como ele percebe as implicações político- sociais do entorno), a humanidade_ em sua maior parcela_ funcionava através dos direitos maternos, ou seja, era reconhecido como o ser progenitor apenas a mãe; sendo assim, as famílias ou grupos de famílias (gens) se agrupavam em torno da mulher e do direito materno. As mulheres eram respeitadas e vistas como sendo de suma importância dentro da comunidade.

A senhora civilizada, cercada de aparentes homenagens, estranha a todo trabalho efetivo, tem uma posição social bem inferior à mulher bárbara, que trabalha duramente, e, no seio do seu povo, vê-se respeitada como uma verdadeira dama (lady, frowa, frau = senhora) e o é de fato por sua própria posição.⁶

Na citação acima, Engels faz uma comparação com a mulher civilizada de 1891, época da quarta edição do livro, com a mulher bárbara. A partir da “fase média da barbárie”, como exprime o autor, quando a humanidade aprendeu a domesticar os animais e a fazer o cultivo das plantas, a humanidade começou a acumular bens. As tarefas atribuídas sofreram uma mudança, possibilitando aos grupos e comunidades um certo acúmulo de bens que lhes trouxeram índices de valorização social. Porém, até aquele momento, os bens pertencentes aos que faleciam ficavam com a gens a qual se pertencia, a gens materna, pois seus filhos não herdavam seus bens que eram divididos entre seus irmãos e irmãs por parte de mãe. Com esse acúmulo de bens, o indivíduo ganhou mais importância social e as regras mudaram: inicialmente com os filhos herdando os bens e, logo, a família passando de uma linhagem materna para a paterna surgindo, junto com esse fato, o casamento monogâmico, para que o homem tivesse certeza de que os filhos eram dele e assim pudessem herdar seus bens.

O desmoronamento do direito materno, a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução. Essa baixa condição da mulher tem sido gradualmente retocada, dissimulada e, em certos lugares, até revestida de formar de maior suavidade, mas de maneira alguma suprimida.⁶

Nossa cultura cria homens que não conseguem viver de igual para igual com as mulheres, tendo que, muitas vezes, usar pequenos artifícios ou estratégias como insultos, brincadeiras agressivas, pequenas nuances opressoras nas frases para desmerecer/diminuir/inferiorizar e assim manter a relação sempre sobre o seu controle. Porém, quando as mulheres não aceitam ou revidam no jogo da relação, isso é geralmente visto como desrespeito. Socialmente, ainda é aceitável que os homens punam essas mulheres que foram desrespeitosas, através de violência psicológica, ofensas, difamação e calúnia sem contar agressão e até assassinato; ou melhor: feminicídio. Essas agressões constam da Lei nº 11.340 – Planalto.

A pesquisa realizada por Costa (2011) na Casa de Privação Provisória de Liberdade

(CPPL III), citada no início do texto, confirma o que Engels aborda nesse trecho a seguir, referente ao direito do homem de punir a mulher:

Esta forma de família assinala a passagem do matrimônio sindiásmico à monogamia. Para assegurar a fidelidade da mulher e, por conseguinte, a paternidade dos filhos, aquela é entregue, sem reservas ao poder do homem: quando este a mata, não faz mais do que exercer o seu direito.⁶

Antes de chegar às agressões físicas e à morte, as ofensas, a violência psicológica, o afastamento dos amigos e parentes, a destruição de objetos e documentos, a difamação e calúnia, a agressão física e a morte, a autoestima atacada também afetam o corpo através de doenças psicossomáticas, ou seja, têm como origem o psicológico.

É preciso entender definitivamente que, quando há violência contra uma mulher nas relações conjugais, não estamos falando de um crime passional. Esta é uma expressão que temos que afastar do nosso vocabulário, porque essa morte não decorre da paixão ou de um conflito entre casais. Ela tem uma raiz estrutural e tem a ver com a desigualdade de gênero.⁷

Dependendo do nível de desequilíbrio na relação entre mulher e homem, o estresse, o nervosismo, a ansiedade, a culpa, a raiva, entre outros sentimentos causados por esse desequilíbrio podem se transformar em doenças como: uma gastrite nervosa, dores de cabeça, dores no corpo, depressão e, se não forem tratados com diligência, podem até desenvolver uma doença mais grave. “Uma ofensa moral dói no estômago, no fígado. Uma ignomínia pode matar com um infarto ou com um acidente vascular cerebral.”⁸

O feminicídio íntimo é um contínuo de violência. Antes de ser assassinada a mulher já passou por todo o ciclo de violência, na maior parte das vezes, e já vinha sofrendo muito tempo antes. A maioria dos crimes ocorre quando a mulher quer deixar o relacionamento e o homem não aceita a sua não subserviência. Este é um problema muito sério.⁹

Propondo

INPLANTA é o nome da Obra de Artes Visuais desenvolvida no projeto de extensão Cerâmica Viva, coordenado pela professora Doutora Isabela Frade. Assim como tema da redação ganhadora do IX Prêmio de Extensão Professora Maria Theresinha do Prado Valladares pelo SR3 - Depext. A obra é um quadril de barro queimado com uma planta Dieffenbachia seguiu plantada, conhecida popularmente como “comigo ninguém pode”. Como arte relacional, o INPLANTA, além de ficar exposto, inclui uma poesia/grito e deverá estar acompanhado por pequenos outros “vasos”, replicando o maior, que serão distribuídos ao público feminino que comparecer à exposição. A obra participou da exposição II PEGA no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro, de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

Ela evoca o quadril feminino por várias questões. Uma dessas aborda o ventre gerador de vida ou, nesse caso, de uma ideia. Gerar e cultivar a ideia de que “comigo ninguém pode” para que essa muda possa maturar/enraizar e dar frutos. Essa frase propõe uma valorização da mulher, começando por ela mesma, em auto afirmação. Não estou dizen-

do que a “mulher tem que se dar o respeito”, como na frase amplamente conhecida e usada pela sociedade patriarcal para que a mulher se abstenha de determinadas ações a fim de ser respeitada; ou seja, tenha que fazer por merecer ser respeitada. Mas sim, que devemos impor um respeito, começando pela nossa autoestima enquanto ser: “eu me respeito e não vou permitir que me desrespeitem”. Somos humanas, pensantes e capazes, merecemos respeito assim como todos os seres humanos. Mas a questão é: esse respeito não vai ser dado para nós pela sociedade que nos diminui. Temos que cultivar ideias opostas das que nos são impostas e nos são “implantadas” desde que éramos pequenas.

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminino, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação.¹⁰

Um ótimo exemplo disso é a citação da nossa atual Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos: “...que as mulheres nasceram para serem mães e que o modelo ideal de sociedade as deixaria apenas em casa, sustentadas pelos homens.”¹¹

Sendo assim, temos que aprender a nos impor. É necessário um longo período de fortes campanhas a fim de “trabalhar” a sociedade para que ela venha, um dia, a tratar de forma igualitária todas as pessoas que dela participam independente da cor, do sexo ou de qualquer outra forma como esta pessoa se identifique enquanto indivíduo, porque todos merecemos respeito.

Assim como a ideia geral, existe a questão do útero que é visto apenas como uma máquina de gerar vidas, o qual, apesar de estar dentro do corpo da mulher, não pertence a esta, uma vez que ela não possui o direito de decidir se vai gerar uma vida ou não. Ao ser constatada a gestação é como uma sentença, uma prisão em seu próprio corpo. Então o corpo que nunca foi dela, o corpo explorado sexualmente, o corpo mutilado pela indústria da beleza, e enquadrado pela mesma, agora tem que ser a máquina da vida. Ao homem nada acontece, este só é pai quando o bebê realmente nasce e para deixar de ser bastar desaparecer da vida dessa “fábrica”. Então, esse clamor de que “comigo ninguém pode” não é somente para o abuso dos homens individualmente para com esse corpo ou o ser feminino, mas para uma sociedade patriarcal que ainda vê a mulher como um objeto à mercê do homem. Significa a valorização da autoestima, para não nos submetermos ao papel da mulher nessa sociedade do homem, para não nos rendamos aos abusos e agressões e mortes. Mas não somente uma valorização individual, mas também um cultivo à sororidade.

Desde a infância, somos induzidas a competir, a desejar ser a mais bonita, a mais educada, a mais submissa e assim aprendemos a ver as outras mulheres como oponentes. (Dividir para conquistar, a estratégia foi muito bem constituída). Logo, para resgatar esse enorme desequilíbrio, será preciso unir para nos reconquistarmos, nos unirmos para exigir nosso respeito, e muito do que foi roubado de nós.

De acordo com o crítico de arte e curador, propositor da concepção da arte relacional, Nicolas Bourriaud (2009) precisamos “aprender a habitar melhor o mundo”, já que construí-lo a partir de uma concepção pré-concebida não funcionou. O que não podemos é continuar fechando os olhos para esses abusos, pedofilia, sexualização de crianças, culpabilização da vítima, agressões, estupros e assassinatos de mulheres motivados pelo fato de serem mulheres.

Esse regime de encontro casual intensivo, elevado à potência de uma regra absoluta de civilização, acabou criando práticas artísticas correspondentes, isto é, uma forma de arte cujo substrato é dado pela intersubjetividade e tem como tema central o estar-juntos, o “encontro” entre observador e quadro, a elaboração coletiva do sentido.¹²

Com INPLANTA é exatamente isso, a obra se dá por motivar o “estarmos juntas”, compartilhando o mesmo sentimento, ao fazer pensar sobre essa questão, gerando uma comunidade sensível. Solto um grito para alcançar uma escuta profunda.

Manifesto!!

Abra os olhos mulher, por muitos e muitos anos a cultura vem nos diminuindo, vamos nos libertar desse peso que nos coloca para baixo e nunca mais permitir nada que não queiramos realmente. É importante nos questionarmos também, se o que queremos é algo real ou foi imposto pela cultura patriarcal sobre o que uma mulher deve querer/pensar/ser...

Reivindico o corpo da mulher para a mulher enquanto vida, enquanto arte, em foco, más para seu empoderamento, seu benefício, sua realização, conscientização.

| | | |
|---------------------------|------------------|----------|
| Até quando vamos aceitar, | abaixar a cabeça | permitir |
| consentir | fechar os olhos | negar |
| calar | engolir | fingir |

nos enganar

não pensar

aceitar

esquecer

O corpo fala

Seja com um sorriso sem graça diante de uma piada ofensiva...

... uma dor de cabeça recorrente...

...um respirar fundo

pedindo paciência...

...uma lágrima que escorre sem nos darmos conta...

...um interromper de fala sem intenção...

...um romper de choro sem motivo...

...uma ofensa dita sem pensar...

...uma desvalorização do agir e

do ser...

...uma marca roxa que surge sem querer...

...uma depressão crônica...

...uma síndrome do pânico que ataca...

...uma úlcera que se cria pelo ciúme...

... um olho roxo ou costelas quebra-

das por cair da escada...

O corpo fala, antes de pensar se o feminismo serve para você, ouça o que seu corpo tem a dizer, mas não espere ele gritar.

Referências

1. Dicio. Dicionário de Português. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/feminismo/> > Acesso em: 24 de Jan de 2019.
2. BRANDÃO, Cristiane Augusto. Vida E Morte No Feminino: Violência Letal Contra a Mulher na Ordem do Patriarcado. in : ENADIR, 5º edição. p. 05-03. 2017. São Paulo. Disponível em: <http://www.enadir2017.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic2?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozMzoiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUIFVSVZPljtzOj16IjgwIjtzOjE6ImgiO3M6Mzl6IjZzMzcwZGRhZDZlbnNjYwYTJhYTE4ZjhjNjA5NjRkMDVkljtz9>> Acessado pela ultima vez em 24 de Jan de 2019.
3. ISP. Instituto de Segurança Pública. Danos Abertos. Disponível em: <<http://www.ispdados.rj.gov.br/feminicidio.html>> Acesso: 24 de Jan de 2019.
4. COSTA, Renata, MADEIRA, Maria Zelma, E SILVEIRA, Clara Maria. "Relações entre gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina" 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero (2012) p. 229-228: Web. 9 Fev. 2019
<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/56/196>
5. GOMES, Cláudia; BATISTA, Mirela. Feminicídio: Paradigma para Análise da Violência de Gênero Com Apontamentos para à Lei Maria da Penha. 2015 p.12. Florianópolis - SC. VII Seminário de Pesquisa Interdisciplinar. Link acessado pela ultima vez em 24/01/2019 http://www.unisul.br/wps/wcm/connect/57571c15-0bd8-498c-baca-599dde5e74cf/artigo_gtdir_claudia-mirela_vii-spi.pdf?MOD=AJPERES
6. FRIEDRICH, Engels. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Editora Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro. 1975. p. 52-61-62.
7. PASINATO, Wânia. <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/feminicidio/capitulos/o-que-e-feminicidio/>
8. AVILA, Lazslo Antonio. O Corpo, a Subjetividade e a Psicossomática. Tempo Psicanalítico, v.44, n.1, p. 51-69, 2012.
9. MELLO, Adriana. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/#feminici%C2%ADdio-no-brasil>
- 10 - BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora Record, 2003 p.19.
- 11 - ALVEZ, Damares. 2019 <https://oglobo.globo.com/brasil/cotada-para-ministradiz-que-mulher-nasce-para-ser-mae-infelizmente-tem-que-ir-para-mercado-de-trabalho-23272762>
- 12 - BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins, 2009. Pósprodução. São Paulo: Martins, 2009. p.07.